

LUCAS:  
EVANGELHO  
NO FEMININO

MAURO ORSATTI

LUCAS:  
EVANGELHO  
NO FEMININO

EDITORA  
SANTUÁRIO  
  
UM SÉCULO  
POR CRISTO  
Aparecida-SP

DIREÇÃO EDITORIAL: Pe. Flávio Cavalca de Castro, C.Ss.R.  
Pe. Carlos Eduardo Catalfo, C.Ss.R.  
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Elizabeth dos Santos Reis  
COPIDESQUE: Leila C. Diniz Fernandes  
COORDENAÇÃO DE REVISÃO: Maria Isabel de Araújo  
REVISÃO: Ana Lúcia de Castro Leite  
Marilena Floriano  
Vanini N. Oliveira Reis  
DIAGRAMAÇÃO: Marcelo Antonio Sanna  
CAPA: Marco Antônio Santos Reis  
*Criação a partir de Murillo.*  
*"Maria com o Menino e Santa Catarina".*

Tradução de Pe. João B. Boaventura Leite, C.Ss.R.

Título original: *Luca: Vangelo al femminile*

© 1997 ANCORA Srl

ISBN 88-7610-643-x

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Orsatti, Mauro

Lucas: Evangelho no feminino / Mauro Orsatti; l tradução João Batista Boaventura Leite l. — Aparecida, SP: Editora Santuário, 2000. — (Coleção Fonte de Vida 5)

Título original: Luca: Vangelo al femminile

ISBN 85-7200-715-6

1. Bíblia. N.T. - Crítica e interpretação 2. Deus - Misericórdia 3. Mulheres na Bíblia  
I. Título.

00-3747

CDD-226.406

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Evangelho de Lucas: Interpretação e crítica 226.406
2. Lucas: Evangelho: Interpretação e crítica 226.406

Todos os direitos em língua portuguesa reservados  
à EDITORA SANTUÁRIO — 2000



Composição, impressão e acabamento:

**EDITORA SANTUÁRIO** - Rua Padre Claro Monteiro, 342  
Fone: (0xx12) 565-2140 — 12570-000 — Aparecida-SP.

Ano: 2002 2001 2000  
Edição: 8 7 6 5 4 3 2 1

## PREFÁCIO

### O Evangelho de Lucas

O Evangelho de Lucas sempre gozou da simpatia de todos: os estudiosos encontraram nele material original e bem organizado, poetas e artistas buscaram nele inspiração para seus trabalhos, teólogos e mestres do espírito deixaram-se guiar por sua sábia pedagogia espiritual, pessoas simples fixaram na memória expressões e imagens que pertencem ao patrimônio do cristianismo. Não é possível recensar as obras de arte que exaltaram trechos de Lucas: ainda que pensemos somente nas infinitas representações da anunciação do anjo a Maria. É praticamente impossível delinear a incidência espiritual das mensagens que vêm de páginas, para dizer pouco estupendas, como a parábola do pai que mostra benevolência e compreensão aos dois filhos, ou como a parábola do bom samaritano que presta socorro sem levar em conta antigos rancores.

O Evangelho de Lucas é, quantitativamente, o mais longo escrito evangélico, com um total de quase 1.200 versículos. Deixando de lado o Evangelho de João que tem uma construção e sensibilidade próprias, no interior dos evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) que todavia têm um esquema comum e material semelhante, Lucas demonstra originalidade mais acentuada porque registra com exclusividade mais de 600 versículos.

O que significa que boa metade de seu evangelho não tem comparação com os sinópticos, isto é, não é possível cotejá-lo com os outros dois. A atenção das páginas que seguem versa propriamente sobre alguns trechos tirados, todos, de tal material “exclusivo”.

Na escolha somente do material de Lucas, ative-me exclusivamente a dois critérios que correspondem também a duas acentuadas sensibilidades de sua teologia: a atenção às mulheres em geral e a Maria em particular, e uma evidente predileção pelo mundo dos marginalizados, primeiro por todos os pecadores. Disso resultam as duas partes do livro: a primeira uma espécie de “evangelho em rosa”, que exalta a maternidade e a feminilidade, e a segunda que celebra a misericórdia de um Deus, pai do coração da mãe, que se torna vizinho do homem na pessoa do Filho, Jesus de Nazaré. A ternura feminina (da mulher ou de Deus) é, portanto, o ideal em torno do qual se movem todos os trechos comentados.

### **A pedagogia do livro segundo o esquema da *lectio divina***

As duas partes são compostas de episódios que reproduzem o mesmo esquema, entendido como uma pedagogia de leitura também por outros trechos evangélicos que o leitor há de querer examinar pessoalmente. Depois de uma breve premissa que encaminha o discurso, o *texto* é proposto.

Quero insistir na necessidade de ler — e reler — o texto bíblico, afastando-se do “já o conheço”. O texto possui sua “sacramentalidade”, isto é, um valor intrínseco que não vem do comentário de outrem, mas da leitura meditada daquilo que o crente reconhece e professa como “Palavra de Deus”. A esta altura o leitor poderia alinhar uma sua reflexão, dialogar com o texto, para procurar compreendê-lo e captar um pouco da sua vitalidade.

Se o leitor deseja uma colaboração, poderá continuar e encontrará o passo sucessivo: *contexto e dinâmica do trecho*.

Este momento ajuda a inserir o trecho, que todavia é sempre um “retalho” de um tecido maior ao qual pertence, do qual toma sua luz e ao qual dá sua contribuição. Idealmente se deveria ler um trecho da Bíblia, para ter o plano inteiro da história da salvação e para poder assim comparar todas as respostas possíveis. Na esperança de alcançar o *optimum*, o texto evangélico em apreço apresenta a indiscutível vantagem de ser lido também por aqueles, por exemplo em viagem, que não podem ter junto de si a Bíblia. Além do contexto do trecho, indica-se também uma dinâmica, que é uma espécie de “radiografia”, para mostrar que o trecho possui uma sua lógica narrativa, uma construção e um desenvolvimento que vale a pena conhecer para melhor interpretar a mensagem.

Segue agora a parte mais extensa, chamada *breve explicação*.

Não é certamente pleonasmo aquele “breve”: de fato quer-se recordar ao leitor que muitas coisas se poderiam e se deveriam dizer para uma maior explicitação da exuberante riqueza que todo texto bíblico contém. Se é verdadeiro, como afirmavam os mestres judaicos, que toda palavra contém 70 significados (número simbólico que vem da multiplicação de 7, cifra da plenitude, por 10, cifra base), uma explicação não seria jamais concluída. O “breve” subentende ao menos duas coisas: não se quer tornar pesada a explicação e assim fazê-la pletórica e, portanto, mais facilmente “indigesta” ao leitor. Além disso, e é a coisa sem dúvida mais importante: prefere-se deixar a este último a possibilidade, que se transforma logo em alegria, da procura, da reflexão, da aplicação à própria existência.

Nesse ponto, está-se pronto para um passo ulterior: *do texto para a vida*.

Mediante uma articulação de pergunta-estímulo, queria ajudar a passarem do texto, válido para todos, à especificidade da

própria condição, para ver a aplicação e a relação. A Palavra deve tornar-se sopro de vida, iluminar a história cotidiana, guiá-la, sustentá-la, eventualmente até repreendê-la, seja como for, alimentá-la. Dou-me conta do risco das perguntas propostas, não conhecendo o leitor e, por conseguinte, não podendo oferecer interrogações acertadas. Um pouco de experiência e a analogia de algumas situações autorizam-me avançar timidamente a tudo que foi proposto. Trata-se de um modesto subsídio que se utiliza, dado o seu gênero literário, na medida em que serve. Cada um que conheça a si mesmo e a sua história pode colocar perguntas mais pertinentes e mais frutuosas. Resta, seja qual for, uma passagem fundamental para abrir o escrínio da Palavra de Deus.

Restaria cumprir um último passo, o mais importante, mas também o mais pessoal, por isso o confio totalmente ao leitor: usar o texto para *rezar*.

À objeção muitas vezes levantada: “Não sei como rezar, não sei o que dizer”, pode-se facilmente obviar, tomando nas mãos o texto bíblico e transformando-o em oração. Algumas frases já estão “prontas para usar”. Penso, por exemplo, no canto de louvor e de agradecimento de Maria: “A minha alma engrandece o Senhor e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador” (1,46-47), ou a simples e verdadeira jaculatória do publicano no templo: “Ó Deus, tende piedade de mim, pecador” (18,13). Outras frases devem adaptar-se um pouco, segundo o estilo em que fomos educados na liturgia da Palavra, quando repetimos o estribilho do salmo responsorial.

Sem muita teoria, o uso regular e constante educa-nos à *lectio divina*, que é a leitura da Palavra de Deus, para entender a nossa vida à luz de Deus e orientá-la meritoriamente. Parte-se da leitura e da compreensão do texto com todas as suas implicações (*lectio*), aplica-se o texto assim entendido à própria vida mediante interrogações que vão às profundezas de nosso relacionamento com Deus, com os outros e com nós mesmos

(*meditatio*), passa-se a rezar com o texto bíblico, certos de que as palavras são justas e aceitas, porque palavras inspiradas pelo próprio Deus (*oratio*). No fim ou já *in itinere*, poder-se-á gozar a *contemplatio*, que é a sintonia de toda a nossa pessoa com Deus.

### Utilização

O esquema precedente repete-se pontualmente em cada trecho e permite uma utilização muito livre do livro. Certamente isso pode ser lido do início ao fim na sucessão proposta. Cada um dos episódios não está ligado entre si por uma sucessão lógica e pode ser tomado isoladamente, segundo exigências particulares, como por exemplo tempo litúrgico, motivos pastorais ou particulares, sensibilidade do próprio espírito.

Gostaria muito se se concretizasse o princípio que inspirou estas páginas: os trechos são pensados para serem “exercícios” que educam para a leitura do Evangelho, de modo a fornecer um *habitus* na utilização também de outros textos não relacionados aqui.

Faço augúrio e oração a convicção do salmista: “Lâmpada para meus passos é a tua palavra, luz no meu caminho... A tua palavra, ao revelar-se, ilumina, dá sabedoria aos simples” (Sl 119,105.130), à que faz eco o testemunho de Pedro a Jesus: “Senhor, a quem iríamos? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68).

*Mauro Orsatti*



## INTRODUÇÃO

### Um Evangelho para as mulheres

**N**a *Vita di Caterina da Siena*, escrita pelo bem-aventurado Raimundo da Capua, encontra-se um curioso diálogo entre a Santa e Jesus. Catarina dirige-se a Cristo, revelando-se filha de seu templo (1347-1380), autoflagelando-se exatamente por ser mulher: “O sexo vos repugna por muitas razões. Não compete às mulheres ensinar aos outros, seja porque seu sexo é desprezível, seja porque não convém a um tal sexo conversar com o outro”. A resposta de Jesus é surpreendente e provocadora: “Não sou eu que gerei o gênero humano e formei o homem e o outro sexo? Junto de mim não estão somente homem e mulher, plebeu e nobre, mas todas as coisas diante de mim são iguais... Darei, pois, ao mundo, mulheres não dotas e frágeis, mas dotadas por mim de força e de sabedoria divina, para confundir a temeridade dos homens”.

Hoje nenhuma mulher falaria mais desse modo. Também a comunidade cristã se interroga, com sempre mais vivacidade, sobre o papel e o valor da mulher. Nos últimos anos não faltaram sinais positivos. O discurso de Pio XII em 1945 às senhoras do CIE, a encíclica *Pacem in terris* de João XXIII, o Concílio Vaticano II, a *Mensagem às mulheres* de Paulo VI no encerramento do Concílio, a proclamação de Santa Teresa d'Ávila, de Santa Catarina de

Sena e de Santa Teresa de Lisieux como “doutores da Igreja” e há alguns anos — exatamente em 15 de agosto de 1988 — a carta apostólica *Mulieris dignitatem* de João Paulo II. O planeta mulher desenha sempre mais uma trajetória precisa que vai cruzar-se com o planeta homem. Recuperar o mundo feminino é também urgência pastoral. No Sínodo dos Bispos de 1980 o primaz da Bélgica, Monsenhor Danneels, declarou:

Depois da crise de confiança que marcou as relações entre a Igreja e o mundo operário, entre a Igreja e o mundo intelectual, uma perda de sua credibilidade no mundo das mulheres teria consequências graves. A saída silenciosa das moças e das jovens mães provocaria uma hemorragia, talvez a mais perigosa de toda a história da Igreja.

Um retorno à Bíblia, sobretudo ao Evangelho, contribuiria não pouco para restituir às mulheres dignidade, respeito e justiça, porque “a mensagem bíblica e evangélica guarda a verdade sobre a unidade dos dois, isto é, aquela dignidade e aquela vocação que resultam da específica diversidade e originalidade pessoal do homem e da mulher” (João Paulo II, *Mulieris dignitatem*, n. 10).

A Bíblia inicia-se proclamando a igual dignidade do homem e da mulher, porque criados à imagem de Deus (cap. 1) e porque um não pode viver sem o outro (cap. 2). É o casal o fundamento de toda a humanidade e não o homem ou a mulher, mas ambos, juntos e ao mesmo tempo, um pelo outro. Desde o início proclama-se sua igualdade, igual dignidade, necessária reciprocidade. Em seguida, o pecado inaugurou o princípio da divisão e da hostilidade entre o homem e a mulher, instaurou a lei da violência, da submissão, a lei do mais forte. A mulher teve muitas vezes de sucumbir.

Na Bíblia não faltam figuras femininas vigorosas de personalidade, de empreendimento, como as mulheres dos patriarcas: Maria, irmã de Moisés, Débora, Betsabéia e outras mais. Em geral, porém, nos códigos de Israel — semelhantes aos có-

digos do Antigo Oriente Médio — a condição da mulher permanecia substancialmente a de uma menor, dependente da autoridade paterna, enquanto vivesse em casa, e da autoridade do marido quando se casava. O seu âmbito de ação e de valorização era a família, sobretudo a maternidade. Aliás nada ou pouco valia no campo social ou jurídico: a mulher não era instruída na Lei, não tomava parte na vida pública, não podia ser testemunha no tribunal e, o cúmulo desta marginalização, falar com ela pelo caminho era considerado inconveniente pelos rabinos.

Não é difícil colecionar textos bíblicos e judaicos que a vêem negativamente. Façamos uma extemporânea resenha de algumas afirmações que se cravam como estilhaços dolorosos em nossa sensibilidade moderna.

### **Textos bíblicos**

Eccl 42,14: “É melhor a maldade do homem que a bondade da mulher; uma mulher que envergonha até o escárnio”.

Eccl 7,26.28: “Acho que a mulher é mais amarga que a morte, é toda laços, uma rede o seu coração, cadeias os seus braços. Quem é agradável a Deus foge dela, mas o pecador se torna sua presa... Aquele que procuro ainda e não encontrei: um homem entre mil encontrei, mas entre todas não encontrei uma mulher”.

Quanto ao NT, cf. 1Tm 2,9-15; 1Cor 11,2-16; 14,33-36, 1Pd 3,1-6.

### **Textos judaicos**

Talmud b. Ber 43, b: “Ensinarão os nossos doutores: seis coisas não ficam bem em um douto: não deve andar perfumado pela estrada, não deve sair sozinho à noite, não deve falar com uma mulher em praça pública...”

Talmud b. Ber 61, a: “Disse Johanan: é melhor caminhar atrás de um leão que atrás de uma mulher”.

Midrax Gn 45,5: “Os nossos mestres disseram: quatro tipos de defeitos atribuem-se às mulheres: gulosas, furiosas, preguiçosas e invejosas (...). R. Jehoshuah ben Nehemjah disse: antes brigas e bisbilhoteiras”.

Assim reza o piedoso hebreu: “Agradeço-te, Senhor, porque não me criaste pagão, ignorante, mulher, escravo”.

Desta mentalidade há um longínquo eco em Jo 4,27 e em Lc 24,22-24.

Para ser exato e por amor à verdade, ocorreria completar o quadro com estupendos textos sobre a mulher e sua igual dignidade à do homem, como Rm 16, Ef 5 e o célebre Gl 3,28, e também com alguns textos judaicos. Nosso objetivo não visa um quadro completo de pensamentos sobre a mulher, limitando-se a apresentar alguns aspectos negativos que Jesus supera definitivamente.

Esta longa premissa serve para compreender a novidade introduzida por Jesus e particularmente sublinhada por Lucas. No Terceiro Evangelho não só se fala demais sobre as mulheres, mas elas também têm um papel mais significativo. Com isso não estamos diante de um “manifesto” de um presumido movimento feminista ao pé da letra, que luta pelo reconhecimento dos direitos da mulher. Se Lucas fala mais sobre as mulheres e atribui-lhes um posto de honra, não o faz com objetivo jurídico-social, mas somente para mostrar que o amor de Deus em Cristo se dirige a todos indistintamente e que a salvação se dirige diretamente tanto ao homem quanto à mulher. É uma maneira delicada para reafirmar a dignidade comum que o tempo e as circunstâncias haviam feito esquecer.

Desde os primórdios do Evangelho apresenta-se uma mulher, Isabel, que juntamente com o marido é chamada justa e irrepreensível. Depois se delineia a figura de Maria, sobre a qual

Lucas se fixa, oferecendo-nos um quadro de incomparável beleza. Sobre ela presenteia-nos páginas fascinantes, verdadeiras obras-primas de delicadeza, de amor, de inteligência e de doação feminina. Até para os de fora deste *unicum*, no Evangelho uma mulher mais vezes é beneficiária da obra misericordiosa de Jesus, seja através de uma ação milagrosa, seja mediante uma palavra consoladora, seja ainda e sobretudo mediante o perdão dos pecados. A mulher é também escolhida para ser assunto de parábola, verdadeiro e próprio exemplo a ser imitado. A categoria notoriamente marginalizada das viúvas também recebe atenções e cuidados da parte de Jesus. Finalmente se recorda que um grupo de mulheres está associado à comitiva de Jesus, como atesta Lc 23,49, que se distingue dos textos paralelos de Mc 15,40 e de Mt 27,55 pelo uso do verbo grego composto *synakolouthéo*, que exprime uma comunhão de vida. Essas mulheres, todavia distintas dos apóstolos que receberam um chamamento específico, são também seguidoras de Jesus e estão a seu serviço.

Podemos agora lançar um olhar completo sobre as mulheres recordadas somente por Lucas ou por ele apresentadas em cenas próprias. Por ordem de apresentação encontramos Isabel (cap. 1), Maria (cap. 1-2), a profetiza Ana (2,36-38), a viúva de Naim (7,11-15), a pecadora na casa de Simão (7,36-50), as mulheres que sustentam Jesus com seus bens (8,2-3), Marta e Maria (10,38-42), a mulher que proclamava bem-aventurada a Mãe de Jesus (11,27-28), a mulher encurvada curada no sábado (13,10-17), a parábola da mulher que perdeu e encontrou a moeda (15,8-10), a parábola da viúva e do juiz iníquo (18,1-8), as mulheres da Via-Sacra (23,27-31). A este rico inventário acrescentem-se aqueles trechos que Lucas partilha com os outros evangelistas.

Ao mesmo tempo podemos dizer que “o gênio feminino”, apurado pelo sofrimento, dá o melhor de si e provoca admiração mesclada de ternura. Parece próprio de Lucas relatar com

manifesta complacência a existência de um denso grupo de mulheres que se propõem, embora inconscientemente, como modelo de inteligência, de sensibilidade e de virtude.

Fixemos agora nossa atenção em algumas mulheres do Evangelho de Lucas que respondem com características diversas: comecemos com Maria, a mulher por excelência (1,26-38); enxugaremos com Jesus as lágrimas de uma mãe viúva que perdera o filho único (7,11-17); passemos a apreciar o quadro familiar de Marta e Maria (10,38-42), e depois ainda passemos a escutar a voz daquela mulher do povo que exalta a Mãe de Jesus (11,27-28). Voltaremos a falar sobre Maria, como mulher orientada para o mistério pascal, acenando também para a profetiza Ana (2,1-52). Terminaremos com as vicissitudes de uma mulher que demonstra um amor forte, embora tenha nas costas um passado não certamente cristalino (7,36-50).